

A QUESTÃO ORIENTAL E SUA RELAÇÃO COM O ARMAGEDOM

A queda da Turquia e o que isso significa para o mundo

Por Roderick S. Owen

O turco na Europa tem sido considerado um invasor e intruso detestável, e as potências europeias há séculos calculam que algum dia ele seria forçado a voltar para a Ásia, onde afirmam que é o lugar ao qual ele pertence. Que isso deve ser feito foi livremente admitido pela maioria dessas nações, e ainda por quase um século tem sido a política estabelecida e estudada, de pelo menos algumas delas, impedir a realização do que eles dizem que deveria ser feito. Esta condição desenvolveu o que é conhecido como a Questão Oriental, para os estadistas significando a expulsão final dos turcos da Europa e a divisão de seu território entre as nações. Mas surge a pergunta: por que eles sustentaram o turco em uma posição da qual confessam que ele deveria ser expulso? A resposta está no fato de que os turcos possuem certas vantagens que, caso se apoderassem de qualquer uma das grandes potências da Europa, colocariam aquela nação em uma posição que poderia ser usada em detrimento de outras. Medo, inveja e ciúme por parte dessas nações umas das outras tem sido o solo no qual o poder turco lançou suas raízes e manteve sua vida na Europa por muitos anos, e com medo e apreensão as nações se posicionaram sobre essa questão. É estranhamente impressionante o que está envolvido nessa questão, uma terrível calamidade que envolverá toda a Europa em uma guerra, "cujo resultado ninguém presume saber". A Questão Oriental é uma taça de tremor da qual todas as nações hesitam em beber.

Mas a Bíblia descreve na profecia o poder turco e prediz sua queda e os resultados a seguir; e se foi assim com suas declarações proféticas sobre sua história passada que foram tão fielmente cumpridas, podemos confiar implicitamente em suas declarações quanto ao futuro?

A TURQUIA UM ASSUNTO DE PROFECIA

Após a queda do Império Ocidental de Roma, conforme apresentado no capítulo oito do Apocalipse, outro poder é introduzido sob o símbolo de enxames de gafanhotos saindo de um poço sem fundo (ou de uma região devastada e desolada). Esses gafanhotos são descritos da seguinte forma: "E a forma dos gafanhotos era semelhante a cavalos preparados para a batalha, e em suas cabeças havia como coroas de ouro, e seus rostos eram como rostos de homens, e seus cabelos como os cabelos de mulheres, e os seus dentes como os de leões, e tinham couraças como couraças de ferro, e o som das suas asas era como o som de carros e de muitos cavalos correndo para a batalha." – Apoc. 9:7-9. Aqui temos uma vívida descrição simbólica dos bandos de sarracenos montados em cavalos, com seus turbantes amarelos, longas barbas e longos cabelos, carregando o peitoral de ferro e avançando sobre seus inimigos; e assim eles saíram do país desértico da Arábia para realizar seus ataques devastadores.

Mas isso não é tudo, pois o versículo dois nos diz que eles estavam rodeados de fumaça que escurecia o sol e o ar (ou os elementos físicos vitalizantes). De acordo com esta parte do símbolo, descobrimos que essas hordas de sarracenos eram seguidores de Maomé, e suas guerras foram processadas não apenas por pilhagem, mas pela propagação e extensão das falsas doutrinas ensinadas por ele. E, de fato, por meio deles a luz do evangelho e a verdade de Deus (os elementos vitalizadores do mundo espiritualmente) foram escurecidos e obscurecidos.

Mais uma vez, eles apareceriam e continuariam seu trabalho, não apenas após a queda do Império do Ocidente, mas também após a queda de uma estrela (brilhante

líder) para a terra, cuja carreira e queda abririam esta região deserta para que as hordas desoladoras pudessem surgir. Essa profecia foi cumprida em Chosroes, o persa, cujo conflito com a Roma Oriental e cuja derrota na batalha de Nínive, seguida por sua morte prematura logo depois, deixou tanto Roma quanto a Pérsia tão enfraquecidas e esgotadas que nenhuma delas foi capaz de conter o avanço dos sarracenos como antes. Cerca de um século após a morte de Maomé, eles realizaram suas conquistas com tanto sucesso, que estas se estenderam por toda a costa norte da África e por toda a Ásia Menor, estendendo-se como um grande crescente com um chifre tocando a Europa no Bósforo e o outro na rocha de Gibraltar; e por esses dois pontos eles entraram como um flagelo desolador e penetraram até o coração da Europa. Eles foram contidos pela terrível derrota que sofreram nas mãos de Carlos Martel na batalha de Tours, em 732 d.C.

Mas a profecia nos leva ao tempo em que esses enxames tinham um rei sobre eles. Isso só aconteceu depois de uma carreira de cerca de seiscentos anos; pois foi na última parte do século 13 que Othman surgiu e passou a unir os seguidores dispersos de Mohammed sob um governo geral, originando assim o Império Otomano.

Durante todos esses séculos de invasão, a Roma Oriental manteve sua existência com sua capital em Constantinopla. Mas o que diz a profecia dos sarracenos após o estabelecimento de seu império?

Primeiro, eles deveriam ferir, mas não matar homens, ou seja, o poder que se opôs a eles por um período profético de 150 dias - ou 150 anos, já que um dia na profecia representa um ano de tempo, após o qual eles deveriam ser soltos por uma hora, um dia, um mês e um ano para matar a terça parte dos homens. Simboliza, a divisão oriental de um terço do antigo império de Constantino. Esses símbolos de tempo interpretados seriam os seguintes:

1 ano	360 dias	360 anos
1 mês	30 dias	30 anos
	1 dia	1 ano
1 hora	1/24 dias	<u>1/24 anos – 15 dias</u>
Total		391 anos e 15 dias

Assim, temos primeiro um período de 150 anos em que eles afligiriam o leste de Roma, mas não o destruiriam, sendo amarrados ou contidos. Isso seria seguido por um período de 391 anos e

15 dias em que eles seriam soltos e destruiriam a divisão oriental de Roma no final deste último período, deveríamos esperar vê-los novamente amarrados ou contidos de alguma forma.

Quais são os fatos da história? A primeira invasão do território de Roma Oriental por este poder após o estabelecimento do império ocorreu em 27 de julho de 1299. Com relação à certeza desta data, Gibbons diz: "A precisão singular desta data parece revelar alguma previsão do crescimento rápido e destrutivo do Monstro." (Declínio e queda, capítulo 64, par. 14). Somando os 150 anos a 27 de julho de 1299, temos o ano de 1449, como a data da perda do poder otomano. Naquele ano, John Paleologus, o imperador oriental, morreu, sem deixar herdeiro direto para seu trono. Seu irmão desejava tomar o reino sob o título de Constantino doze; mas antes de ousar fazê-lo, ele enviou uma carta a Amaruth, o principal sultão da Turquia, pedindo seu consentimento. Isso certamente foi um reconhecimento da supremacia do poder turco e, com isso, foi removida toda a restrição que o Império do Oriente havia exercido. De acordo com a profecia, o tempo havia chegado quando os muçulmanos não deveriam apenas afligir, mas destruir o terço oriental do antigo Império Romano. Não demorou muito para que o sultão fixasse seus olhos cobiçosos em Constantinopla e quatro anos depois - 1453 - ela caiu nas mãos daquele poder que a manteve desde então, e que ainda a mantém tenazmente, mas com débil alcance hoje.

No cerco de Constantinopla, a pólvora foi usada para fins de guerra e, na invasão que se seguiu, as armas de fogo foram usadas pelos soldados montados. O profeta de Deus descreve graficamente isso e os resultados fatais da seguinte forma: "E assim vi os cavalos em visão e de suas bocas saía fogo, fumaça e enxofre. Por esses três foi morta a terça parte dos homens: pelo fogo e pela fumaça e pelo enxofre que saíam de suas bocas." — Apoc. 9:17,18.

Mas vamos investigar quais eventos na história turca marcam o fim desses períodos. Acrescentar os 391 anos à nossa última data, 1449, nos leva ao ano de 1840. Acrescentar a 27 de julho os 15 dias, nos leva a 11 de agosto de 1840, como o término do período. Aqui somos novamente confrontados com um fato notável, que em si mesmo era um reconhecimento de que o período de liberdade para aquele poder havia passado e que ela estava novamente sob restrição.

Aconteceu assim, o sultão da Turquia se envolveu em uma briga com o paxá do Egito em 1832, na época um ajuste temporário foi feito, mas no ano de 1840 as hostilidades foram renovadas e nesse conflito o sultão foi constantemente perdendo terreno e ficou claro para todos que, no caso de não haver interferência, a Turquia como nação logo seria uma coisa do passado. No verão de 1840, Inglaterra, Rússia, Áustria e Prússia intervieram e pelos plenipotenciários dessas potências foi elaborado em Londres um ultimato a ser submetido a ambos para a solução de suas diferenças. O sultão da Turquia consentiu com os termos e foi assegurado pelas potências que caso o paxá do Egito não consentisse com o mesmo, as potências interessadas tomariam o assunto em suas próprias mãos e cuidariam dele. O sultão assinou esse documento e no dia 11 de agosto de 1840, foi despachado por ele ao paxá do Egito.

Por esse ato, ele reconheceu que não era capaz de cuidar de si mesmo e de seus negócios, que para sua própria existência dependia dos poderes cristãos. Daquele dia em diante, ele era um protegido das potências da Europa, e esse fato foi reconhecido ao tornar a manutenção do poder turco na Europa parte do direito internacional europeu. Isso parecia necessário para a paz da Europa. A situação foi bem expressa por Lord Salisbury em 1895 em sua resposta a uma demanda pela derrubada dos turcos, quando afirmou: "Que pela paz da cristandade o Império Otomano

deve permanecer." Que havia perigo, caso o Império Otomano caísse, de envolver "tudo o que é mais poderoso e civilizado na Europa em um conflito perigoso e calamitoso. Esse era o perigo que estava presente nas mentes de nossos pais quando eles resolveram fazer a integridade e a independência do Império Otomano é uma questão de tratado europeu, e esse é um perigo que não passou."

O czar da Rússia em 1853 chamou a Turquia de "homem doente do Oriente", e esse título se apegou a ele desde então. Um homem doente precisa de uma enfermeira e, de fato, até o início da última guerra com a Itália, a Europa provou ser uma enfermeira boa e fiel para a Turquia.

OUTRA PROFECIA DA TURQUIA

Como vimos, o cap.9 do Apocalipse leva o poder turco apenas ao ponto em que se tornou uma dependência das nações da Europa, ou "o homem doente do Oriente". Mas a Bíblia não interrompe o relato profético de sua carreira nesse ponto, mas nos dá uma visão de sua queda e dos resultados que se seguirão.

Tendo visto a precisão com que todas as declarações foram cumpridas até agora, até o dia do mês em que a Turquia reconheceu sua dependência das nações cristãs para sua própria existência, com que confiança devemos agora estudar as escrituras que marcam sua carreira para sua própria existência? Logo. Nos versículos dois a quatro do capítulo 11 de Daniel, temos uma visão do declínio do poder medo-persa e da ascensão do grego como segue:

"E agora te declararei a verdade: Eis que ainda três reis estarão na Pérsia, e o quarto acumulará grandes riquezas, mais do que todos; e, tornando-se forte, por suas riquezas, suscitará a todos contra o reino da Grécia. Depois se levantará um rei valente, que reinará com grande domínio, e fará o que lhe aprouver. Mas, estando ele em pé, o seu reino será quebrado, e será repartido para os quatro ventos do céu; mas não para a sua posteridade, nem tampouco segundo o seu domínio com que reinou, porque o seu reino será arrancado, e passará a outros que não eles." (Daniel 11:2-4)

Esta visão foi dada no reinado de Ciro. De acordo com isso, quatro reis deveriam se levantar, ou seja, reinar em poder e glória na Medo-Pérsia depois de Ciro. Estes foram Cambises, Smerdis, Dario, Hystaspes e Xerxes; o quarto, Xerxes ser muito mais rico do que todos os outros, e deveria incitar tudo contra a Grécia. A história credita a ele o levantamento de um exército de 5.000.000 de homens e suas expedições custaram milhões de dólares, mas tudo em vão; pois os gregos derrotaram suas forças em várias batalhas notáveis, como Thermopylae, Salamis, Platea, etc. A partir desse momento, o declínio da Pérsia foi rápido, enquanto os gregos no mesmo ritmo cavalgavam para o poder.

O clímax foi alcançado quando Alexandre, o poderoso rei que deveria fazer de acordo com sua vontade, derrotou os persas em três grandes batalhas, a saber: Grancius, que lhe deu a Ásia Menor; Issus, que lhe rendeu a costa da Síria e da Palestina e abriu as portas para o Egito; e Arbella, onde derrotou Dario, o último rei persa, e esmagou completamente esse poder. Mal havia atingido o apogeu de sua glória antes que sua morte levasse à dissolução de seu reino - a destruição de seus possíveis herdeiros; e em pouco tempo a divisão de seu território em quatro

partes em direção aos quatro ventos do céu: pois Cassandro tomou o oeste, Lisímaco o norte, Seleuco o leste e Ptolomeu o sul. Nos conflitos que se seguiram, Cassandro foi derrubado por Lisímaco, que por sua vez foi esmagado por Seleuco.

Assim, temos o Egito sob os Ptolomeus como o Reino do Sul, e a maior parte do território de Alexandre unido sob Seleuco como o Reino do Norte; e nos versos que se seguem, muitos fatos interessantes são dados nos reinados dos Seleucidas e Ptolomeus.

Roma é apresentada no versículo 14 e muitos detalhes são trazidos a respeito da história desse poder, primeiro em sua forma pagã e depois em sua forma papal.

Nos versículos 33-35, é feita menção ao terrível tempo de tribulação e perseguição que viria sobre o povo de Deus, mas é afirmado que durante esse tempo os perseguidos deveriam receber uma pequena ajuda, que certamente permaneceria para até certo ponto, a maré da perseguição; e esse período nos levaria ao "tempo do fim".

Este período é o mesmo que os 1260 anos de Dan. 7:25, ao qual o Salvador se referiu em Mat. 24:21, 22, onde ele afirma que os dias de tribulação devem ser abreviados por causa dos eleitos, e esta é a ajuda a que Daniel se referiu. Esse período começou em 538 d.C. e abrange a idade das trevas, na qual milhões do povo de Deus foram martirizados por sua fé nele e em sua palavra. A Reforma que irrompeu no século dezesseis trouxe o que havia sido predito, ao frear o poder perseguidor e, por fim, fazer cessar a perseguição aberta por volta do ano de 1776. Assim, os dias da tribulação foram abreviados em cerca de 22 anos, pois os 1260 anos não terminará até o ano de 1798, quando o papa foi levado cativo e o poder do papado foi completamente quebrado por um tempo.

Depois de declarar no versículo 35, que os dias continuariam por um tempo determinado além da perseguição, o versículo 36 diz: "E o rei fará conforme a sua vontade, e ele se exaltará e se engrandecerá acima de todo deus", etc. rei? Certamente o rei ou reino que desempenhou a parte mais importante nos eventos que acabamos de narrar. E esse reino era a França. Pois durante a maior parte da história do papado, a França foi considerada "o filho mais velho da igreja, o braço direito de sua força"; e, por mais estranho que pareça, essa mesma nação deveria desferir o golpe que feriria o papado e, assim, encerraria o período de 1.260 anos. E aconteceu; pois foi Berthier, um general de Napoleão, que, à frente de um exército francês, entrou em Roma e levou o Papa Pio VI ao cativeiro. E também é fato que os anos incluídos na abreviação da perseguição cobrem o tempo em que as armas francesas, sob a liderança de Napoleão, venceram todas as batalhas, até que aquela nação despertou o medo e o ciúme de todas as nações da Europa. Sim, com certeza a França era o rei que, no finalzinho desse período, fazia "segundo a sua vontade" e se exaltava.

Mas o que a profecia diz ainda sobre esse poder? Os versículos 36 a 39 trazem as seguintes especificações, todas as quais devem ser cumpridas na França, se estivermos certos, a saber: Deve ser um poder ateu e blasfemo, falando coisas maravilhosas contra o Deus dos deuses, desprezando o Deus dos seus pais e o desejo das mulheres, deixando de lado todos os deuses, mas finalmente exaltando o deus das forças e dividindo a terra para obter lucro.

A França é a única nação que cumpriu todas essas especificações. Foi durante os últimos anos do período de 1260 anos que esta nação, comprometendo-se com o ateísmo, tornou-se blasfema e licenciada a um ponto dificilmente alcançado por qualquer outra nação na história do mundo e o movimento foi endossado pela assembleia legislativa da nação. Sob essa influência, passou pelas terríveis cenas da revolução francesa, nas quais o sangue corria livremente e a vida de ninguém estava a salvo.

Este terrível clímax nos assuntos daquela nação foi o resultado indireto do longo abuso de poder por parte do papado, enquanto foi o resultado direto dos escritos de homens como Voltaire, Rousseau, D'Alembert e outros, que, aproveitando-se das incoerências praticadas em nome da religião cristã, levou aquela nação a negar o verdadeiro Deus, sendo sua própria existência publicamente negada e contestada. Essa nação também invadiu a santidade do lar, reduzindo o rito do casamento dado por Deus a um mero contrato civil, a ser quebrado à vontade das partes contratantes. O ciúme aumentou e o derramamento de sangue se seguiu. A licenciada andava sem vergonha pela terra, e as grandes cidades estavam cheias de filhos ilegítimos. A princípio, eles rejeitaram todas as formas de adoração, mas descobrindo que as massas devem ter algum objeto para adorar, eles estabeleceram a natureza e a razão. Esta última foi personificada por uma bailarina de um dos teatros de Paris, e a assembleia nacional prestou-lhe homenagem. Eles negaram a Cristo e a Bíblia, desconsiderando assim o Deus de seus pais. Eles confiscaram todas as propriedades tituladas, e essas terras foram subdivididas e vendidas, acrescentando cerca de \$ 3.500.000.000 ao tesouro da nação.

Oh nação cega: levantando seu braço insignificante em rebelião contra o Deus do céu e procurando destruir sua palavra, mas em sua cegueira dando ao mundo uma evidência permanente de sua veracidade, cumprindo fielmente todas as especificações que o profeta de Deus cerca de 2.400 anos antes havia escrito sobre eles.

Assim, somos transportados na profecia para o ano de 1798, ou para o início do "tempo do fim", e lá encontramos a França atea, licenciada, mas cega no palco da ação, tendo cumprido tudo o que foi declarado sobre ela na profecia ao versículo 40, que conta o que deve acontecer naquele ano, como segue: "E no tempo do fim [1798] o rei do sul [Egito] o pressionará [França] e o rei do norte virá contra ele [França] como um redemoinho com carros e com cavaleiros e com muitos navios, e ele [rei do norte] entrará nos países, e transbordará e passará. Ele também entrará na terra gloriosa, " etc.

Em 1798, Napoleão obteve o consentimento da assembleia francesa para levar seu exército ao Egito. Aqui ele encontrou apenas uma leve resistência por parte dos mamelucos (a classe dominante) que, depois de empurrá-lo como a profecia havia declarado, retirou-se Nilo acima, deixando-o com a posse de todo o baixo Egito. A estação das cheias impediu imediatamente novas operações naquela direção, então ele partiu para a conquista da Palestina e da Síria. Seu sucesso despertou os ingleses, que suspeitaram que seus interesses na Índia e no Extremo Oriente pudessem ser seriamente prejudicados. O território em que Napoleão operava nessa época pertencia à Turquia, cuja nação ocupava quase identicamente o mesmo território anteriormente conhecido como o reino do norte. A Inglaterra imediatamente começou a trabalhar para despertar a Turquia de sua letargia para a defesa e possível recuperação de suas províncias. Isso a Inglaterra conseguiu fazer; e, auxiliada pela Inglaterra e pela Rússia, a Turquia (agora rei do norte) enviou um exército como um redemoinho contra Napoleão. Diante desse ataque, as armas francesas não resistiram e Napoleão foi obrigado a levantar o cerco de St. Jean

de Acre e bater em sua primeira retirada. O prestígio francês foi quebrado, e o declínio do poder daquela nação só foi eclipsado pela humilhação de seu brilhante líder, que passou seus últimos dias exilado na ilha de Santa Helena.

O fim deste conflito deixou a Turquia (rei do norte) de pé em todas essas terras, pois nem mesmo o Egito escapou, mas ele tinha poder sobre seu tesouro, pois a Turquia continuou a receber tributo daquela nação. E na maior parte do território do reino do norte, com sua capital ainda em Constantinopla, mantendo a gloriosa terra santa, e Jerusalém, a cidade do grande Rei, fica a Turquia hoje para completar o registro profético escrito para ela, que é o seguinte:

“Mas os rumores do oriente e do norte o espantarão; e sairá com grande furor, para destruir e extirpar a muitos. E armará as tendas do seu palácio entre o mar grande e o monte santo e glorioso; mas chegará ao seu fim, e não haverá quem o socorra.” Daniel 11:44-45

É evidente que as notícias do leste e do norte que perturbarão a Turquia devem vir de outras nações. Como afirmado anteriormente, a Turquia possui vantagens que nenhuma nação da Europa deseja que outra possua. A cidade de Constantinopla com seus arredores é vista com inveja por todos como um prêmio muito desejável. A Rússia, acima de todas as outras nações, especialmente durante os últimos dois séculos, tem procurado obter a posse dessa cidade e do território adjacente para controlar a estreita via navegável que liga o Mar Negro ao Mediterrâneo. Possuindo um vasto território ao norte, com recursos quase inesgotáveis e uma população superior à de qualquer outra nação da Europa, a Rússia foi prejudicada em um aspecto. Em toda a sua vasta área, ela não possuía nenhum porto de inverno aberto. Isso a impediu de se tornar uma potência naval. Mas se ela pudesse obter posse de todo o país ao redor do Mar Negro e sua saída, ela teria um refúgio seguro no qual poderia construir sem ser atacada (porque a aproximação seria guardada por seus próprios fortes), uma frota que colocaria imediatamente colocou-a na vanguarda das nações e colocou em suas mãos o equilíbrio do poder. A Rússia fez repetidos esforços para cumprir seu propósito, mas apenas para ser controlada pelas potências da Europa.

Assim, a Rússia (o grande urso) por centenas de anos se agachou nessas partes do norte e manipulou com sua pata direita o Mar Negro para uma saída. Repetidamente derrotada naquela direção, ela começou a estender sua pata esquerda através da Sibéria até o Pacífico, desejando obter lá o que ela estava procurando no sul. Nesse esforço, ela realizou o maravilhoso feito de engenharia de construir uma ferrovia ao longo de cerca de 5.000 milhas de florestas quase desconhecidas e estabeleceu o porto de Vladivostok no Pacífico. Uma aquisição valiosa como esta é, mas ainda está congelada por vários meses do ano. Ela então começou por intriga, ou de outra forma, a invadir a China e rastejar pela costa do Pacífico em águas mais quentes. Neste ponto veio outro notável cumprimento da profecia. Joel havia dito com referência a este conflito final, que os pagãos deveriam ser acordados; e João afirma que os reis do leste participarão da batalha final do Armagedom.

Durante séculos, as nações orientais da China, Japão, Coréia e até certo ponto da Índia dormiram pacificamente atrás de portas trancadas, satisfeitas com suas próprias realizações. As nações ocidentais bateram em vão para serem admitidas. Por fim, os adormecidos começaram a despertar lentamente; e abrindo os olhos, descobriram que o Ocidente havia marchado no caminho do progresso e os deixado para trás. Cautelosamente, eles abriram suas portas e os

estrangeiros um a um entraram, e assim foi estabelecido o intercâmbio entre o Oriente e o Ocidente. A profecia havia dito que os pagãos seriam despertados, e o processo havia começado.

O Japão foi o líder em reconhecer os benefícios e vantagens da civilização ocidental, e ela enviou dezenas de seus jovens a esses países, para serem educados e retornar, trazendo consigo o conhecimento das artes, ciências, invenções e métodos de guerra de cada um; buscando assim reunir para si a sabedoria e o avanço de todos eles.

Mas Joel também disse: "Os fracos dirão: eu sou forte". O mundo assistiu com admiração ao ver a pequena nação obscura e fraca do Japão deixar de lado suas vestes de dormir, vestir-se com as roupas de um guerreiro moderno e sacudir o punho fechado na cara de seu vizinho colossal. Seguiu-se a guerra no Oriente, e o Japão levou sua conquista quase até o coração da China, plantando seus estandartes por toda a província da Manchúria e, finalmente, nas muralhas de Port. Arthur.

A Rússia agora interveio e, pela diplomacia, arrancou do Japão uma parte considerável de seus despojos, incluindo Port. Arthur. De posse daquele lugar, ela obteve o que buscava, a saber: um porto aberto, que era também uma fortaleza e um ponto estratégico no extremo Oriente, mas pouco inferior ao de Constantinopla no Oriente Próximo.

Mas o mundo ficou ainda mais surpreso com o que se seguiu. O Japão novamente se levantou em seu ganho de força e atacou a Rússia. Na guerra que se seguiu, ela recuperou pela força das armas daquela nação toda a Rússia havia recentemente conquistado pela diplomacia. Nas batalhas e marchas que se seguiram, ela conduziu os soldados russos pelo mesmo terreno em que havia conduzido os soldados da China, retomando as mesmas fortalezas e finalmente recapturando Port. Arthur. Certamente o Japão despertou e disse: "Eu sou forte".

A China está seguindo o rastro do Japão, e seus movimentos são aparentemente mais rápidos do que os daquela nação. Um escritor disse recentemente: "A mudança que a China operou em uma década é igual à de um século em qualquer outra nação."

A Índia está surgindo e sacudindo de si mesma o estupor de séculos.

Como os pensadores da Europa e da América viram essas coisas, surgiu o grito do "perigo amarelo" e, de fato, a força dessas nações pagãs orientais, quando totalmente despertadas, é um fator que os poderes da terra podem muito bem levar em conta. Assim, vemos que o despertar das nações pagãs, que constitui uma das preparações finais para a batalha do Armagedom, está bem encaminhado.

Mas a declaração profética: "Deixe o fraco dizer que eu sou forte", foi novamente ilustrada na guerra dos Bálcãs. Pense na atitude de independência assumida pela federação dos pequenos Estados balcânicos em relação às grandes potências da Europa. Pense na ameaça da Bulgária quando ela declarou que desafiaria os poderes, caso eles tentassem despojá-la de qualquer parte do território que ela já havia adquirido ou se comprometessem a impedir a realização de

seu propósito. Na verdade, os fracos estão dizendo que eu sou forte, e todos estão armados para o conflito.

Mas o ferimento da pata esquerda do grande urso do norte no Extremo Oriente e o despertar dessas nações, levando-os a defender seus direitos e a integridade de seu território, tornou muito mais difícil a realização dos desígnios russos no extremo. Oriente, e fez com que aquela nação mais uma vez lançasse sua força e poder na pata direita e olhasse novamente para o Bósforo através dos elementos eslavos daquela região. Nesse ínterim, ocorreram mudanças na Europa que parecem favoráveis à Rússia. O crescente poder da Alemanha, sua ambição de ser incomparável até mesmo no mar, fez amizade com três antigos inimigos - Inglaterra, França e Rússia, formando assim a tríplice entente, e esses três agora permanecem como um grande tripé sobre Alemanha em uma aliança para conter suas aspirações crescentes. Contra estes temos a tríplice aliança, composta pela Alemanha, Prússia e Itália. Como resultado, a Inglaterra não sente mais ser seu dever obrigatório se opor à Rússia em seus desígnios sobre os turcos.

Mas a profecia diz: "ele [o turco] sairá com grande fúria para destruir e completamente para afastar muitos." Essa linguagem indica que algo causará grande ira por parte do turco, e ele entrará em uma guerra de extermínio no meio da qual transferirá a sede de seu governo para Jerusalém; e, não recebendo ajuda, ele chegará ao seu fim. Apocalipse 16:12 nos diz que as águas do grande rio Eufrates secarão. As águas, como símbolo, representam povos, nações, línguas e pessoas. Apoc.17:15. Esta é uma linguagem simbólica e significa que a nação que ocupa os países banhados por aquele rio deixará gradativamente de ser uma potência, pela perda de seu povo e de seu território. Os rios não secam de repente, nem grandes nações perdem seu poder em um dia. Que este processo de secagem está acontecendo com a Turquia é claramente demonstrado pelos seguintes fatos:

Ela perdeu:

Argélia e Grécia em 1830

Sérvia, Romênia, Montenegro, Chipre em 1878

Túnis em 1881

Egito em 1882

Creta em 1898

Rumelia Oriental com a Bulgária e a Bósnia e Herzegovina em 1908

Trípoli em 1911

1º de abril de 1913, como resultado da guerra dos Bálcãs, ainda em andamento, todo o seu território na Europa foi tomado, exceto uma estreita faixa incluindo Constantinopla, mesmo sendo duramente pressionado pelos Aliados.

Certamente a secagem está acontecendo rapidamente. Mas isto não é tudo. A própria nação é dividida em facções que são antagônicas entre si. Bem no coração do governo, vemos o jovem partido turco que se opõe à facção leal ao velho sultão. Em várias localidades existem pessoas que se dizem os legítimos sucessores de Maomé e exigem a obediência dos fiéis. Alguns deles têm um grande número de seguidores. Mais uma vez, a massa de maometanos não tem amor

pelos turcos. Todas essas coisas, juntamente com a atitude das nações da Europa em relação a ele, estão levando-o ao desespero. Nada pode unir todas essas facções entre os maometanos exceto a declaração de uma guerra santa, uma guerra de extermínio de seus inimigos. Sob a influência fanática de tal movimento, veríamos todos eles se unirem e partirem com grande fúria, lançando-se com total abandono nas garras da morte, pois são ensinados que todos os que caem em uma guerra santa têm um passaporte seguro para paraíso. O fato de o turco recorrer a essa medida está claramente indicado na atual tendência dos eventos. Na verdade, este passo foi instado mais de uma vez pelos líderes religiosos entre os maometanos.

Expulso da Europa, com a perda de Constantinopla como sua capital, a que ponto ele iria naturalmente? Tendo a guerra assumido um caráter religioso, a cidade de Jerusalém torna-se um ponto mais importante do que qualquer outra cidade do mundo. Pois aos olhos de cristãos e maometanos ela é enfaticamente estimada como a "Cidade Santa", "a cidade do grande Rei" e destinada finalmente a ser a capital de todo o mundo. Embora seja evidente e geralmente entendido que os turcos irão para Jerusalém, é igualmente certo que as nações os seguirão até lá. Elas não se contentarão em deixá-los de posse da cidade santa, um prêmio que as nações cristãs cobiçam há anos e para cuja recuperação as cruzadas, custando milhares de vidas e milhões de dólares, foram organizadas e realizadas.

O papa de Roma sugeriu recentemente que chegou a hora em que o Santo Graal deveria ser resgatado das mãos ímpias dos turcos.

De acordo com a profecia, no esforço final contra os turcos na tomada da cidade santa, todas as nações da terra estarão envolvidas. Existem três versículos das escrituras que falam da derrubada final dos turcos. Estes são: Apoc. 16:12, Zac. 14:1-3, e Dan. 11:45. Esses textos afirmam positivamente que a Turquia mudará sua sede de governo para Jerusalém, que todas as nações serão reunidas contra aquela cidade, que a cidade será tomada, e que a Turquia chegará ao seu fim, pois ninguém a ajudará. Observe como ela foi ajudada no passado:

Guerras	Ajuda
1798, com França	Inglaterra e Rússia
1838-40, Egito,	Inglaterra, Rússia, Áustria, Prússia
1853-56, Rússia	Inglaterra, França, Sardenha
1877-79, Rússia	Todas as outras potências da Europa

Sempre algum poder esteve pronto para intervir e ajudá-lo, mas na guerra agora em andamento, a Turquia apelou repetidas vezes aos poderes por ajuda, e ninguém respondeu até agora. Pelo contrário, parece haver pouca objeção à ideia de ela ser expulsa da Europa. E no que diz respeito às suas possessões na Ásia, a concentração de tropas pela Rússia no Trans Cáucaso revelou à Europa o fato de que a Rússia está de olho na Armênia. E embora a Alemanha tenha gritado alto pela integridade da Ásia Menor, parece que ela quase adquiriu o controle da Anatólia, e a imprensa russa agora está acusando a Alemanha de duplicidade neste assunto.

Se as nações não estão dispostas a ajudar a Turquia a manter sua posição em Constantinopla, mas estão dispostas a invadir suas possessões asiáticas, elas certamente não estão dispostas a ajudá-la a manter Jerusalém e, se não em Jerusalém, então nenhum lugar na terra, de forma alguma; a Turquia deve ir, não apenas da Europa, mas de todo o mundo; "e chegará ao seu fim, e ninguém o ajudará. E naquele tempo se levantará Miguel, o grande Príncipe que representa os filhos do teu povo; e haverá um tempo de angústia como nunca houve desde que houve era uma nação, até aquele tempo; e naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro. E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, alguns para a vida eterna, e alguns para vergonha e desprezo eterno." — Dan 11:45; 12:1,2.

Sim, quando as nações triunfarem sobre os turcos em Jerusalém, então o cetro do império universal terá passado para as mãos de um Rei que é mais poderoso do que todos eles e que é herdeiro de todos os reinos desta terra; pois "naquele tempo Miguel se levantará", ou assumirá o trono, para reinar em glória e poder.

Mas Apocalipse 16:12 mostra que a Turquia chega ao fim sob a queda da sexta praga, e Zac. 14:1-3 diz que é "no dia do Senhor" que as nações tomarão Jerusalém. Portanto, quando a Turquia chegar ao seu fim, a liberdade condicional humana terá terminado. "O dia do Senhor", aquele grande e terrível dia, explodirá sobre o mundo em toda a sua fúria. As sete últimas pragas cairão e farão seu trabalho mortal, e todas as pessoas mergulharão em um tempo de angústia como nunca houve desde que houve uma nação. Mas Miguel se levantará, e o povo de Deus será libertado; "pois Cristo tomará para si seu grande poder e reinará, e os reinos deste mundo se tornarão os reinos de nosso Senhor e de seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre." E as nações se enfurecerão, e a ira de Deus virá e o julgamento dos mortos e a entrega de recompensas aos servos de Deus, os profetas, e aos que temem seu nome, pequenos e grandes; e Deus destruirá os que destroem a terra. Veja Apocalipse 11:15,18.

"E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão, e lhe obedecerão." Daniel 7:27

Pois o livro da vida terá sido examinado, e todos cujos nomes forem encontrados nele escritos serão entregues e reinarão com Ele.

Mas Zacarias nos diz que Jerusalém é como uma pedra pesada e um cálice de tremor para todas as nações que lutaram contra ela, e que todos os que vierem contra ela serão despedaçados. Pois o Senhor sairá e pelejará contra essas nações, como lutou no dia da batalha." Zc 14:3; 12:3.

A tomada de Jerusalém pelos turcos não é a batalha do Armagedom, mas essa batalha segue logo depois. Apocalipse 16:12 nos diz que a secagem das águas do rio Eufrates (ou a derrubada do poder turco) prepara o caminho para os reis do Oriente, ou as nações pagãs que foram acordadas, para virem à batalha do Armagedom, na qual o Senhor lutará contra aquelas nações como lutou no dia da batalha.

Em 2 Crônicas. 20:15-24 temos o relato de uma batalha na qual Deus disse ao seu povo que não precisava lutar, pois aquela batalha era do Senhor. Aqui, então, está uma batalha que o Senhor travou, uma batalha na qual ele simplesmente retirou seu poder restritivo, entregando os inimigos de Israel ao espírito de ciúme e suspeita que habitava em seus corações, e eles destruíram uns aos outros. Assim será na batalha do Armagedom. As nações que se livraram dos turcos ainda estão cheias do espírito de ganância e inveja que as movia no passado; e agora que o tempo de graça terminou e o Espírito de Deus foi retirado, o ciúme, a ambição e a suspeita têm pleno domínio, apoiados pelo espírito do maligno que os originou. As alianças são formadas rapidamente para a destruição umas das outras. O profeta de Deus, ao descrever o que se segue, diz: "Todo cavalo foi ferido de cegueira, e o seu cavaleiro de loucura." - Zacarias 12:4. A anarquia está assentada com poder satânico no trono de cada coração, e a mão de cada homem está contra a mão de seu vizinho, e o chão está coberto de mortos. Veja Jer. 25:29-33.

Mas há um reino onde a inveja e o ciúme são desconhecidos, um reino que a anarquia não pode invadir, um reino cujos súditos estão seguros - o reino daquele cujo direito é reinar. No meio de toda essa destruição estão os súditos leais deste reino, com corações voltados para o céu. De repente, os poderes "do céu são abalados, e o Filho do Homem aparece na nuvem branca, tendo na cabeça uma coroa de ouro e na mão uma foice afiada. Esse é o nosso Deus; temos esperado por ele, e ele nos salvará." - Isaías 25: 9. Os justos mortos agora são ressuscitados imortais, e os santos vivos, acompanhados por bandos de anjos, encontraram o Senhor no ar, para entrar naquele reino que nunca passará. Veja 1 Tessalonicenses 4:16-18; I Coríntios 15:51-55; Mateus 24:31.

Com eventos tão importantes relacionados à derrubada dos turcos, não é de admirar que o espírito de Deus tenha impressionado as nações com sua importância. Não é de admirar que eles tenham hesitado por anos em tentar sua realização. Não é de admirar que o Espírito de Deus esteja despertando o coração de todos os homens sobre esta questão. Tendo em vista os fatos de que os pagãos estão acordando, que a Turquia está prestes a ser expulsa da Europa, que ela está indo para Jerusalém, que as nações estão prontas para segui-la e derrubá-la ali. Essa previsão parece tão próxima do fim: "Eu estou preparado?"

"Porque a graça salvadora de Deus se manifestou a todos os homens, ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, justa e piamente, aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo; o qual se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda a iniquidade e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras." – Tito 2:11-14.

Fonte:

https://adventistdigitallibrary.org/islandora/search?type=dismax&f%5B0%5D=mods_name_personal_namePart_ms%3AOwen%2C%5C%20Roderick%5C%20Sterling%5C%201852%5C-1927